

O BRASIL PELOS OLHOS DE MONTEIRO LOBATO

Chaylenne Santos Muquim

Orientadora: Flávia Amparo

Mestranda

RESUMO: O presente trabalho pretende analisar as reflexões econômicas e sociopolíticas do Brasil em relação aos Estados Unidos nas obras *América* e *Mr. Slang e o Brasil*, de Monteiro Lobato. Além disso, *Mr. Slang e o Brasil* (1927) será o principal objeto de estudo desta análise, entretanto, para que as reflexões sejam desenvolvidas de acordo o pensamento lobatiano, será necessário o estudo do livro *América* (1932), já que esta obra é uma narrativa de continuidade. A literatura lobatiana está vinculada à vida de Monteiro Lobato, pois o autor utilizava a sua vivência para refletir sobre as problemáticas da sociedade. Com isto, a análise da vida pessoal do escritor será fundamental para uma melhor compreensão da vida profissional do autor. Sendo assim, a pesquisa considerará a viagem aos Estados Unidos feita por Lobato em 1927, pois a experiência de adido comercial do Itamaraty em Nova Iorque foi determinante para o processo de criação do livro *América*. Além disso, a evolução profissional de Lobato também será analisada, pois os trabalhos de escritor, colunista, tradutor e empresário foram fundamentais para o desenvolvimento das obras lobatianas. O principal conteúdo de *América* e *Mr. Slang e o Brasil* não poderia deixar de ser o maior objetivo desta pesquisa. Sendo assim, as temáticas de modernização do país, o processo de industrialização brasileira, o modelo econômico estadunidense, a relevância financeira de São Paulo, a viagem aos Estados Unidos e as críticas em relação à sociedade brasileira serão o objeto de estudo principal deste trabalho.

PALAVRAS-CHAVE: Economia estadunidense, industrialização brasileira, viagem aos Estados Unidos, realidade brasileira.

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS:

O interesse empresarial e a qualidade de vida paulistana, levaram Monteiro Lobato a construir sua vida na cidade de São Paulo que, no início do século XX, vivia décadas de ascensão econômica e transformações sociais e urbanas. Contudo, a capital paulista obteve um crescimento distinto das demais capitais brasileiras, pois a expansão econômica ocorrera de acordo com os acontecimentos vividos no exterior.

O Brasil nunca fora um grande exportador no comércio internacional, pois a sua produção interna sempre fora demasiadamente pequena e dependente de recursos naturais e mão de obra escrava. Certamente, pode-se notar que a história econômica do Brasil sempre fora repleta de trabalho escravo, e ao longo dos séculos essa exploração escravocrata concomitante à exploração agrícola sustentaram financeiramente o país por séculos. Entretanto, é válido lembrar que em 1888 a Abolição da Escravatura vigora em todo território nacional e, a partir desta lei, o país inicia uma crise econômica decorrente da falta de mão de obra e da mudança do comércio internacional, afinal, a Revolução Industrial já era corrente na Inglaterra desde o século XVIII.

O Brasil ainda não estava preparado para acompanhar o modelo de produção estrangeira, que por sua vez, já não utilizava a mão de obra escrava e já investia em novas técnicas e máquinas. Com isto, a ausência de mão de obra escrava torna-se uma preocupação, pois de acordo com Stefan Zweig, “desde o começo toda a produção agrícola e industrial do Brasil baseia-se exclusivamente no trabalho dos escravos; o país ainda não possui bastantes máquinas e trabalhadores livres para substituírem esses milhões de mãos pretas” (ZWEIG, 2006, p. 110). Em relação a isto, Zweig ainda afirma:

Todos esses produtos, o açúcar, o fumo, o cacau e o algodão, são exportados como matéria-prima; ainda será necessário um longo desenvolvimento antes que o Brasil esteja bastante livre e bastante adiantado para uma indústria perfeita, organizada e mecanizada. Todo seu trabalho quase se limita à plantação, à colheita e ao embarque dos chamados “produtos coloniais”; limita-se, portanto, aos processos primitivos, que para sua execução nada precisam senão braços (ZWEIG, 2006, p. 132,133).

De acordo com Zweig, o Brasil apresentava uma grande dificuldade de se expandir economicamente pelo fato de desde os primórdios o país ter investido em mão de obra escrava. Além disso, é válido lembrar que na Europa e nos Estados Unidos da América já se investiam em indústrias e trabalhadores pagos, e por isso, seu desenvolvimento econômico era completamente distinto do Brasil. No entanto, o país tivera que se adaptar a nova realidade de produção que necessitava rapidamente de trabalhadores com conhecimento agrícola e fabril e, neste momento, São Paulo adquire um grande destaque ao receber imigrantes do mundo inteiro. Mas ainda, o estado paulista começa a apresentar uma nova configuração social e urbana, sendo assim, com o incentivo de atrair novos trabalhadores e também de embranquecer a população brasileira, os imigrantes estabelecem-se nas cidades e dão vida as culturas de origem. Com isto, pode se notar a comunidade japonesa no bairro da Liberdade, os italianos no Brás, os árabes no Centro, judeus de diversas nacionalidades em Higienópolis, e muitos imigrantes em outros bairros e cidades.

Além disso, em 1914 todos os países pararam para a viver a Grande Guerra, e por tal ocorrência, o país fica impossibilitado de importar produtos, e novamente, o Brasil tem que se adaptar a nova realidade econômica. Com isto, o Governo começa a investir em fábricas que produzam aquilo que importavam e, sobretudo, o incentivo à imigração e ao acolhimento dos refugiados. Mas ainda, Monteiro Lobato sempre muito observador, relata sobre a nova paisagem urbana, que por sua vez, é reconfigurada de forma social e econômica, como pode-se notar na passagem do conto “O Fisco” (pertencente ao livro *Negrinha*):

E o Brás cresceu, espalhou-se de todos os lados, comeu todo o barro preto da Mooca, bateu estacas no Marco da Meia Légua, lançou-se rumo à Penha, pôs de pé igrejas, macadamizou ruas, inçou-se de fábricas, viu surgirem avenidas e vida própria, e cinemas, e o Colombo, e o namoro, e o curso pelo Carnaval. E lá está hoje enorme, feito a cidade do Brás, separado de São Paulo pelo faixao vermelho da Várzea aterrada – Pest da Buda à beira do Tamanduateí plantada [...] Diz-se vou ao Brás como quem diz vou à Itália. Uma Itália agregada como um bócio recente e autônomo a uma *urbs* antiga, filha do país; uma Itália função da terra negra, italiana por sete décimos e algo *nuevo* pelos restantes (LOBATO, 2009, p. 66).

Monteiro Lobato retrata a vida paulistana que já não é a mesma desde a iniciação do setor fabril e da chegada dos imigrantes que, por sua vez, transformaram a cidade, a gastronomia, a cultura e a paisagem de São Paulo. Em decorrência destes fatos, o governo paulistano começa a destinar fundos para a urbanização e, ao mesmo tempo, para civilizar a

capital. Com isto, pode-se notar na passagem de Lobato que o cenário urbano começa a se transformar e a receber estabelecimentos antes nunca imaginados, como o cinema e confeitarias destinadas ao lazer, e claro, fábricas destinadas ao trabalho e ao aumento de produção. Contudo, as indústrias paulistanas adquirem um destaque inusitado, pois a cidade de São Paulo torna-se o maior e o mais desenvolvido polo industrial do Brasil, no entanto, é válido lembrar que a cidade obteve um êxodo advindo dos grandes acontecimentos internacionais, como pode-se perceber na passagem de Odilon Nogueira de Matos:

Na verdade, nos últimos 50 anos, importantes acontecimentos mundiais vieram repercutir extraordinariamente sobre a capital paulista, fazendo com que nela surgisse seu grande parque industrial: a primeira Grande Guerra (1914-18), a crise econômica decorrente do "crash" de 1929 e a última conflagração mundial (1939-45) (MATOS, 1955, p. 127).

São Paulo continuou ascendendo à medida que o tempo passava, e com a chegada de trabalhadores estrangeiros e fábricas que proliferavam, a cidade sofria transformações para acompanhar a vida urbana e, muitas delas, Odilon Matos aponta:

Uma série de fatores, além dos citados, se conjugaram para ocasionar o desenvolvimento e o fortalecimento do parque industrial paulistano: 1. a facilidade de obtenção da energia elétrica, que somente nos últimos anos veio a tornar-se escassa, criando um problema angustiante; 2. a existência de um mercado consumidor interno, que se tornou cada vez maior em virtude do crescimento da população da cidade e do Estado; 3. o afluxo de capitais, tanto estrangeiros como nacionais, possibilitando o aparecimento de grandes indústrias; 4. a facilidade de, mão de obra operária, a princípio oriunda da massa imigrada, mais tarde resultante da crise cafeeira de 1929-30 e do incessante êxodo das áreas rurais; 5. a existência de um mercado fornecedor de matérias primas, dentro, do próprio Estado (no que se refere ao algodão, notadamente) ou fora dele; 6. a importante rede de transportes, que tem na cidade de São Paulo o seu fulcro (MATOS, 1955, p. 128).

O investimento público teve que se fazer presente para dar continuidade ao crescimento da cidade, contudo, boa parte desta ascensão fora atribuída aos estrangeiros, pois o Governo e muitos intelectuais acreditavam que o país necessitava da modernidade que somente os europeus e estadunidenses possuíam. Em *Mr. Slang e o Brasil*, o personagem Mr. Slang relata sobre as melhorias do Brasil em paralelo com a imigração, desta forma, o inglês afirma que “por importação de cérebro entendo imigração, entrada de europeus. Noto que no Brasil só há estradas em S. Paulo, Santa Catarina e num ou outro trecho onde penetrou cérebro europeu. E concluo daí que, praticamente o problema só se resolverá por essa forma

indireta” (LOBATO, 1964, p. 90). É válido lembrar que o personagem é um ancião inglês, filósofo e morador da Tijuca, bairro do Rio de Janeiro. Além disso, apesar de residir no Brasil, Mr. Slang já vivera na Índia, Nova Zelândia, Ilhas Salomão, Havaí, Sarawak e, como um bom europeu, o protagonista inglês conhecia muito bem a Europa e inclusive outros países não europeus. Com isto, o personagem sente-se com propriedade para argumentar sobre questões sociais e econômicas nacionais e, por isso, constantemente compara a realidade brasileira com a estrangeira. Contudo esta passagem da obra de Monteiro Lobato, revela um dado histórico que fora significativamente presente no país, pois as regiões mais tecnologicamente urbanizadas foram as que comportavam grandes polos industriais, como demonstra a passagem a seguir:

Não resta dúvidas que as principais áreas industriais acompanham as vias férreas: Brás, Belenzinho, Tatuapé, Comendador Ermelindo, e São Miguel Paulista, ao longo dos trilhos da “Central do Brasil”; ainda o Brás, Pará Mooca, Ipiranga, São Caetano do Sul e Santo André, acompanhando a Santos Jundiá; Barra Funda, Água Branca, Lapa e Osasco, servidas tanto por esta via férrea, como pela “Sorocabana”. Mas inegavelmente, foi a função industrial, mais do que outro qualquer fator que ocasionou o seu crescimento e sua expansão em área. O fato de terem as estradas de ferro aproveitado os vales [...] atraiu a instalação de estabelecimentos fabris. Cresceu, deste modo, a área urbanizada e as várzeas do Tamanduateí e do Tietê, naqueles trechos, deixaram de ficar ao abandono (MATOS, 1955, p. 129,130).

A influência estrangeira se transformou em um parâmetro para o Brasil, pois as regiões mais urbanizadas de São Paulo sempre tinham estrangeiros, sejam eles em colônias residenciais, em comércios, em operação e em recuperação de máquinas importadas. Com isto, Lobato acreditava que São Paulo fosse a cidade com maior potencial para importar o modelo de tecnologia estadunidense, pois a cidade necessitava de uma conexão entre os bairros e os polos industriais. Além disso, para que a produção de São Paulo aumentasse, era preciso que o governo estadual e municipal investissem em transportes e em máquinas que pudessem acelerar e aprimorar o desenvolvimento da produção. Com isto, a capital paulistana adquiria características europeias e estadunidenses, e à medida que o tempo passava, São Paulo se transformava na cidade dos grandes investimentos financeiros, na terra das oportunidades.

O século XX trouxera diversas mudanças para o Brasil, entretanto, uma delas foi a sua popularidade, o Brasil obteve uma significativa visibilidade no início do século XX, e com isto, o interesse estrangeiro em terras pitorescas fora crescente. O austríaco Stefan Zweig,

fora um dos muitos viajantes que já passaram pelo país, contudo, entre indas e vindas ao Brasil, o judeu fugitivo da Segunda Guerra Mundial encantara-se com a cultura brasileira e, por tal motivo, decidira escrever sobre as suas impressões e experiências no país. É válido lembrar que Zweig chega ao Brasil pela primeira vez em 1936, e em 1941 já residindo em Petrópolis, cidade serrana do Rio de Janeiro, o autor publica o livro *Brasil, país do futuro*. Além disso, é de fundamental importância mencionar que Stefan Zweig possuía uma origem familiar rica, e por isso, tivera uma infância e educação privilegiada. De uma certa forma, não pode-se esquecer que estas características sociais e econômicas refletem o seu olhar crítico atribuído ao Brasil. Em um momento de sinceridade, Stefan relata a sua opinião de expectativa em relação ao Brasil, que por sinal, era não somente uma opinião, mas também um esteriótipo de pensamento europeu sobre o país latino. Em relação a isto, Zweig afirma:

Eu tinha, sobre o Brasil, a ideia pretensiosa que, sobre ele, tem o europeu e o norte-americano [...] Imaginava que o Brasil fosse uma república qualquer das da América do Sul, que não distinguimos bem uma das outras, com clima quente, insalubre, com condições políticas de intranquilidade e finanças arruinadas, mal administrada e só parcialmente civilizada nas cidades marítimas, mas com belas paisagens e com muitas possibilidades não aproveitadas – país, portanto, para imigrados ou colonos e, de modo nenhum, país do qual se pudesse esperar estímulo para o espírito. Uma visita de dez dias ao tal país parecia-me suficiente para quem não é geógrafo, colecionador de borboletas, caçador, sportsman ou negociante [...] Envergonho-me de confessar esse meu modo insensato de pensar. Acho mesmo importante fazê-lo, porque ele é mais ou menos o mesmo que ainda é corrente nos círculos europeus e norte-americanos (ZWEIG, 2006, p.13).

Esta passagem de Zweig é de fundamental importância, pois pode-se notar o esteriótipo construído sobre o país no início do século XX, e mas ainda, os contrastes sociais que o Brasil apresentava em paralelo à Europa que vivia anos de guerra. A Chegada de Stefan é de muita euforia para o autor que fora recebido de forma calorosa e com toda a pompa que tivera direito, ele inclusive fora recebido pelo próprio presidente Getúlio Vargas, e pela Academia Brasileira de Letras. Desta forma, com tantas recepções sociais pode-se esperar que as primeiras impressões do Brasil provavelmente foram muito positivas para Zweig. Contudo, é válido lembrar que para qualquer estrangeiro que chega ao país desconhecido, certamente a paisagem é o primeiro contato estabelecido, sendo assim, tudo aquilo que pode ser visto, como a natureza, a arquitetura, as ruas e as pessoas são as primeiras impressões e os primeiros contrastes a serem observados. Em relação a isto, Stefan Zweig afirma:

Deu-se então a minha chegada ao Rio, que me causou uma das mais fortes impressões de minha vida. Fiquei fascinado e ao mesmo tempo, comovido, pois se me deparou não só uma das mais magníficas paisagens do mundo, nesta combinação sem igual de mar e montanha, cidade e natureza tropical, mas também uma espécie inteiramente nova de civilização. Aqui havia, inteiramente contra a minha expectativa, um aspecto absoluto próprio, com ordem e perfeição na arquitetura, e no traçado da cidade, aqui havia arrojo e grandiosidade em todas as coisas novas e, ao mesmo tempo, uma civilização antiga ainda conservada de muito feliz, graças à distância (ZWEIG, 2006, p. 14).

O Rio de Janeiro surge para Zweig como um lugar paradisíaco, repleto de natureza e beleza, em face disso, “a cidade maravilhosa” é também reconhecida como um lugar de paz e calma, onde a vida é mais bela e aproveitada. Com isto, a construção de identidade carioca dialoga com a paisagem, pois “o elogio da natureza torna-se importante no projeto de construção nacional, pois ela deixa de ser espaço de contemplação estética – como o faziam os poetas românticos – para se tornar solo que integra, dando unidade e identidade” (MELLO, 1997, p. 74,75). Em relação à civilização carioca descrita por Stefan Zweig, a população carioca adquire uma conotação de vida boêmia que, por sua vez, seria reforçada e conservada pelo distanciamento do modo de vida europeu. Contudo, diferentemente do que Zweig expressa, o Rio de Janeiro recebeu sim muita influência cultural e social estrangeira como toda capital e, sobretudo, como toda cidade portuária.

A beleza nacional, a gastronomia e a cultura brasileira sempre foram muito exaltadas pelos estrangeiros, no entanto, há também a outra face do país que pouco se fala. É válido ressaltar que a histórica nacional é repleta de negligência pública, e que as cidades e a população nunca tiveram seus direitos básicos assegurados pelo Governo. Com isto, o imigrante francês Charles Expilly que vivera no Brasil em meados do século XIX revela, diferentemente de Zweig, a face negativa do Brasil. De acordo com o pensamento de Expilly expresso na obra *O Brasil tal como ele é*, o país necessitava de maiores investimentos públicos para que as cidades se tornassem mais urbanas, pois através do desenvolvimento humano e urbano, a realidade socioeconômica do país poderia evoluir. Em relação à negligência pública, Charles Expilly relata a situação urbana do Rio de Janeiro:

Em geral, no Rio, as ruas não são pavimentadas; as que possuem um simulacro de pavimentação estão cobertas de buracos, de armadilhas, de atoleiros que oferecem, às vezes, sérios perigos. Ao invés de ser abaulada no

meio, como na Europa, a rua faz um declive de cada lado das casas e termina em um único córrego, que, frequentemente não passa de um esgoto horrroso (MELLO, 2017, p. 30).

Apesar da beleza natural, o Rio de Janeiro era mais uma cidade negligenciada pelo Governo e, sobretudo, com potencial desperdiçado para se tornar uma cidade influente e próspera. Expilly acreditava que a ausência de manutenção urbana era um atraso para a sociedade não somente carioca, como também brasileira. Além disso, Charles acreditava que o Brasil necessitava crescer urgentemente e, que para isto se tornasse realidade, era fundamental que o país investisse em modernização, indústrias e comércios internacionais, como pode-se notar na passagem abaixo:

O brasileiro, tangido pela civilização, compreende, em parte, as vantagens que seu país tirou e tira ainda, a cada dia, dessas relações comerciais com a Europa. A seus olhos, o comércio é o instrumento precioso do progresso, o condutor inteligente das luzes. É o comércio que desenvolvendo sua inteligência, os levou a compreender toda a dignidade do homem livre, e despertou em seu meio, apesar das dificuldades causadas por uma administração desconfiada e meticulosa, instintos nobres e generosos. (MELLO, 2017 p. 62).

De acordo com o pensamento de Expilly, era necessário que o Brasil investisse em grandes indústrias, que incentivasse o comércio e, sobretudo, que incentivasse a emancipação econômica do país, como muitos outros já fizeram. Além disso, é válido lembrar que a modernização e o progresso brasileiro recorrentemente são atribuídos aos estrangeiros, como se a Europa e os Estados Unidos fossem um espelho necessário para o Brasil. Em face disso, pode-se notar que Monteiro Lobato acreditava e defendia a incorporação da máquina, da tecnologia, da indústria e tudo aquilo que modernizasse e acelerasse a produção brasileira, tendo em vista o modelo estadunidense como um sucesso a ser seguido. Em *América*, por exemplo, Mr. Slang relata a prosperidade econômica decorrente do avanço tecnológico que, para os estadunidenses, já era algo deveras comum, como pode-se notar no relato de Mr. Slang:

— Tudo consequência lógica do aumento da eficiência do homem graças ao uso progressivo da máquina. Segundo os cálculos, está o americano com um índice de eficiência igual a 42, quando o do europeu é igual a 13 e o do homem natural é igual a 1. Cada americano produz tanto quanto 42 homens

naturais, isto é, 42 homens desmaquinados, que só usam os músculos que Deus lhes deu. (LOBATO, 1962, 67,68).

De acordo com o pensamento lobatiano, era necessário que o Governo investisse na importação do padrão de vida econômico estadunidense e este processo deveria começar em São Paulo, que para ele, era a cidade e o estado mais indicado e preparado para isso. Neste caso, é possível notar que a cidade paulistana adquiri uma importância econômica muito mais significativa do que qualquer outra capital, e além disso, São Paulo deveria ser considerada um modelo para as demais capitais do país. Contudo, esta idealização de uma cidade que poderia ser uma megalópole gera uma supervalorização regional e ao mesmo tempo, uma equivocada distribuição econômica, pois a ausência de investimentos em outros estados não possibilitam o acompanhamento do desenvolvimento de São Paulo. Com isto, o contraste socioeconômico entre os estados torna-se deveras alarmante e, Stefan Zweig relata sobre essa situação na passagem abaixo:

Em São Paulo, onde encontram esses trabalhadores mais civilizados, mais bem preparados e mais bem operosos. O capital, por sua vez, afluí em massa para o espírito de empreendimento, uma roda engrena na outra, e assim a máquina do progresso de ano para ano trabalha com maior velocidade. Quatro quintos do total produzido hoje de modo organizado e industrialmente no Brasil têm origem em São Paulo. Esse estado, mais do que qualquer outro da União, mantém a economia nacional em equilíbrio; é de certo modo, o centro muscular do Brasil, o órgão da sua força (ZWEIG, 2006, p. 311).

É importante mencionar que Charles Expilly e Stefan Zweig utilizam o termo “civilização” quando se referem aos brasileiros e sobretudo aos paulistas, contudo, é válido lembrar que este substantivo está suscetível às várias interpretações de acordo com a visão pessoal atribuída. No entanto, São Paulo vivia uma realidade distinta das outras capitais, e para os estrangeiros, a mudança era um sinal de civilização. De acordo com Nobert Elias, a “civilização descreve um processo ou, pelo menos, seu resultado. Diz respeito a algo que está em movimento constante, movendo-se incessantemente ‘para a frente’” (ELIAS, 1994, p. 22). O adjetivo “civilizado” comumente transmite um preconceito, e no caso, Zweig refere-se aos paulistanos como pessoas mais civilizadas, sobretudo por considerar São Paulo uma cidade mais industrial, moderna e capitalista, ou seja, uma cidade referência para as demais.

Portanto, o conceito de civilização pode apresentar várias interpretações e, em relação a isto, Nobert Elias afirma:

O conceito de “civilização” refere-se a uma grande variedade de fatos: ao nível da tecnologia, ao tipo de maneiras, ao desenvolvimento dos conhecimentos científicos, às ideias religiosas e aos costumes. Pode-se referir ao tipo de habitações ou à maneira como homens e mulheres vivem juntos, à forma de punição determinada pelo sistema judiciário ou ao modo como são preparados os alimentos. Rigorosamente falando, nada há que não possa ser feito de forma “civilizada” ou “incivilizada” (ELIAS, 1994, p. 21).

São Paulo realmente apresentava uma realidade econômica de destaque e o desenvolvimento econômico era algo muito almejado por Lobato e também muito relatado pelas pessoas que presenciaram a trajetória da capital. Contudo, é válido lembrar que as opiniões e impressões sobre um determinado local geralmente são influenciadas pelas experiências vividas, e sobretudo, pela história de vida daquele que observa. Em face disso, apesar do olhar de Stefan Zweig ser muito crítico, ele é também muito elogioso, o autor fora um judeu fugitivo da segunda Guerra Mundial, que vivera anos conflituosos na Europa, pois todo o continente estava polarizado por regimes autoritaristas e nazistas. Em Portugal, a ditadura salazarista persistia fortemente; na Espanha, os espanhóis lidavam com a derrota da Guerra Civil; Já a Itália, por exemplo, vivia anos difíceis com o poder de Mussolini. Desta forma, com tantas adversidades vividas na Europa, Zweig buscava refúgio em um lugar que ainda tivesse valores humanistas, e ao chegar ao Brasil, sendo recebido muito calorosamente e vivendo tempos de repleto conforto e paz, o autor encontra no Brasil, uma terra pacífica e harmônica para viver. Já o francês Charles Expilly, apresenta um olhar completamente diferente sobre o Brasil, pois este europeu veio ao Brasil para construir negócios e estabelecer uma indústria, algo que ainda não era muito comum no país. Com isto, pode-se notar que a forma como se viaja reflete significativamente sobre a viagem, assim como o motivo de sua partida e chegada.

De acordo com Expilly, “Quanto mais a recepção for acolhedora e sedutora, mais fácil e imperceptivelmente a crítica é desarmada; naturalmente, tudo – homens, coisas, paisagens, instituições e costumes – perde, diante disso, o significado real e suas verdadeiras proporções. É o caso dos viajantes oficiais” (EXPILLY, 2017, p. 22). Monteiro Lobato, por exemplo, que há muito tempo já vivia uma relação conflituosa com o Brasil, nunca conseguira aceitar a realidade socioeconômica do país e, por isso, sempre tentara alertar ao povo e aos

governantes que o Brasil necessitava urgentemente de mudanças, que políticas públicas eram necessárias para a evolução do país. Contudo, é válido lembrar que Lobato fora um homem muito influente, sobretudo pelo fato de ser o neto do Visconde de Tremembé, por ser um empresário reconhecido e um escritor consagrado. Com isto, tendo um sobrenome respeitado e uma origem privilegiada, Lobato é convidado pelo governo federal a representar o Brasil nos Estados Unidos, sendo assim, em 1927 Lobato chega à Nova Iorque com o cargo de adido comercial do Itamaraty. Além disso, a viagem do autor ocorrera de forma planejada e estruturada, pois Monteiro Lobato tivera a vantagem de levar sua esposa, filhos e uma funcionária para morar consigo na cidade de Nova Iorque. Com isto, é válido lembrar que o autor não sofreu dificuldades socioeconômicas como muitos emigrantes já sofreram, Lobato chegou em solo estadunidense com um salário generoso e um confortável apartamento em uma região bem localizada. Desta forma, pode-se entender que a vida novaiorquina parecia ser a realização de um sonho, que por sua vez, seria um sonho vivido com tecnologia, modernidade, educação e, sobretudo, com qualidade de vida.

Monteiro Lobato sentia-se como se estivesse no paraíso, como se todos os problemas socioeconômicos tivessem permanecido no Brasil e, com muito entusiasmo, o autor admirava o padrão de vida americano. Em face disso, Lobato almejava que um dia o Brasil pudesse crescer como os Estados Unidos, e que os brasileiros também pudessem ter a mesma qualidade de vida estadunidense. Contudo, apesar de o Monteiro Lobato exaltar os Estados Unidos, ele não comenta como o país se tornou uma potência mundial, o autor não revela quais foram os recursos utilizados por eles. É válido lembrar que em São Paulo o escritor sonhara com investimentos comerciais, com relações internacionais seguindo o modelo estadunidense, no entanto, Lobato não comentara como era a jornada de trabalho dos operários nos Estados Unidos, não relatara as leis trabalhistas que somente foram outorgadas em 1935. Além disso, nas obras *América e Mr. Slang e o Brasil* Monteiro Lobato também não discorre sobre as políticas armamentistas e sobre a ascensão do país no período pós-guerra, mas ainda, Mr. Slang, por exemplo, relata o sucesso dos Estados Unidos como um êxito proveniente de astúcia e estratégias administrativas, mas o inglês não comenta a fundo o que realmente está por trás desta ascensão. Além disso, há outro fator de fundamental importância que impulsionou a expansão dos Estados Unidos, pois desde o início do século XX a indústria cultural estadunidense tornou-se um império mundial, seja no segmento da música, cinema, produtos infantis e vários outros. Em relação a isto, Marco Aurélio Cabral Pinto afirma:

As trajetórias do rádio e da indústria fonográfica, dos estúdios e distribuidoras de filmes cinematográficos, da imprensa escrita e das redes nacionais de televisão, não podem ser traduzidas sem que se considere o papel que desempenharam como envoltória para a construção do mito da superioridade da América e para a defesa dos propósitos humanistas por detrás das ações públicas internas e externas aos EUA (PINTO, 2004, p. 8).

O império socioeconômico dos Estados Unidos fora reforçado pela indústria cultural que ao longo dos anos expandiu o país para todo o mundo e angariou bilhões de dólares para os estadunidenses, no entanto, esta mesma indústria propagava (in)diretamente a política, a economia e o estilo de vida que supostamente seria glorioso. Através da literatura, Monteiro Lobato exaltava esta sociedade capitalista e, ao mesmo tempo, criticava a sociedade e o governo brasileiro. Contudo, apesar de o autor repreender o Brasil, foi com o dinheiro brasileiro que ele pôde viver por anos o sonho americano, e mais do que isto, fora funcionário e representante de um governo demasiadamente criticado por ele. Entretanto, através de cartas pessoais Lobato reconhece a origem de seus ordenados, e durante um diálogo epistolar ele afirma: “não pretendo fazer carreira nem permanecer nesta humilhante posição de funcionário da coisa mais ridícula e cretina que se possa conceber – governo brasileiro. Chego a ter nojo de mim, quando penso que estou a fazer parte dessa máquina de tapear o pobre Brasil” (LOBATO, 1961, p. 252).

Embora Lobato tenha criticado o Brasil no próprio país, fora nos Estados Unidos que esta crítica aumentara consideravelmente, pois longe de suas origens o autor tivera a oportunidade de conhecer e vivenciar uma outra realidade e, mais do que isto, longe do Brasil ele pôde refletir sobre a sociedade brasileira. Portanto, muitas vezes é necessário estar distante do país, para poder observá-lo com um outro olhar e, ao mesmo tempo, a emigração é também o encontro com o próprio país, pois não há como viver uma outra realidade sem rememorar as suas origens. A dicotomia entre o nacional e o internacional sempre será uma temática a ser discutida, e em relação a isto, Pierre Rivas afirma que “a América tem nostalgia da Europa como de sua infância, e a Europa está à procura da América como de seu futuro. Mas a busca da América na Europa é a de sua própria identidade” (RIVAS, 2005, p. 123). Com isto, embora Lobato tenha ido morar nos Estados Unidos da América, o Brasil constantemente se fizera presente e este contato entre o nacional e não nacional, de uma certa forma, ocasiona a ressignificação daquilo que se entende por pátria.

Monteiro Lobato já sentia vontade de viver longe do Brasil e em uma carta enviada para seu amigo Godofredo Rangel, o autor confessa o interesse de conhecer outras realidades socioeconômicas e, sobretudo, de ir buscar em outras terras aquilo que faltava na sua. Desta forma, dez anos antes de ir para os Estados Unidos Lobato escreve:

Vejo ao longe uma ave exótica: a Europa. Não mais o projeto antigo da aldeia minhota, mas Paris. Acho que só de lá posso ver bem e bem estudar este Brasil. Cá dentro somos um pau de floresta, e os paus das florestas não podem fazer ideia das florestas em conjunto. Falta-lhes o longe da perspectiva aérea. [...] Tenho de colocar-me longe para olhar e ver se o Brasil é coisa que mereça consideração (LOBATO, 1961, p. 166).

A insatisfação que Lobato sentia pelo Brasil era compatível a admiração que o mesmo sentia pelos Estados Unidos, no entanto, este encanto pelos estadunidenses culminou em um discurso utópico que não somente exaltava os Estados Unidos, mas, sobretudo, que realçava aquilo que o país possuía de melhor. Sendo assim, Lobato menciona Manhattan, Central Park, galerias, museus e universidades importantes dos estadunidenses, entretanto, a pobreza e os problemas sociais não são relatados por Lobato, a periculosidade urbana e a carência social do Bronx e Harlem, por exemplo, não são citadas pelo autor. Desta forma, a utopia do progresso é também um discurso de conveniência política e econômica e, certamente, não é toda a população que desfruta deste suposto progresso. Em relação a isto, Gilberto Dupas afirma:

O progresso é um mito renovado por um aparato ideológico interessado em convencer que a história tem destino certo e glorioso. Porém, ela nem sempre tem este destino, pois o progresso tem inúmeras consequências negativas, como “exclusão, concentração de renda, subdesenvolvimento e graves danos ambientais, agredindo e restringindo direitos humanos essenciais” (DUPAS, 2007, p. 13).

Apesar de os Estados Unidos da América demonstrarem para o mundo o seu apogeu econômico, todos os seus investimentos financeiros ficam comprometidos com o início da Crise de 1929, e assim, a Grande Depressão espalha-se por todo país. Com isto, o sucesso da Bolsa de Valores, os bens de consumo duráveis e as grandes indústrias já não viviam os gloriosos lucros, e o modelo de vida socioeconômico dos estadunidenses começa a decrescer. Desta forma, a crise agrava significativamente a pobreza dos Estados Unidos e, o próprio

Monteiro Lobato que havia investido seu dinheiro na Bolsa de Valores, perde tudo que havia adquirido. Em 1930, o autor retorna ao Brasil, e em 1932, publica o livro *América* e, curiosamente, Monteiro Lobato não relata sobre a Crise de 1929 e também não comenta a queda do capitalismo estadunidense. Com isto, pode-se notar que o silêncio de Lobato, de uma certa forma, demonstra a sua frustração e equívoco com relação ao sonho americano.

Em suma, é válido lembrar que a obra *América e Mr. Slang e o Brasil* são obras literárias que refletem o olhar crítico social de Monteiro Lobato e que seu empenho como escritor era de não somente se dedicar à literatura, como também, de exercer o seu papel de cidadão. Lobato utilizava seus textos para argumentar sobre aquilo que acreditava, e ao transitar pelos jornais, revistas e literatura, o autor deixava as suas reflexões críticas e criatividade literária. Em 1948, ano de seu falecimento, Lobato já não acreditava no mundo da mesma forma e tudo que o autor mais almejava era apenas se dedicar às obras infantis.

REFERÊNCIAS

DUPAS, Gilberto. O mito do progresso. *Novos estudos*. São Paulo, 2007.

ELIAS, Nobert. O processo civilizador. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

HALLER, Joyce Uemoto. Monteiro Lobato: A literatura como expressão do contexto (1889-1930). Monografia. (Graduação em Pedagogia). Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 2012.

LAJOLO, Marisa. (Org.). *Monteiro Lobato, Livro a Livro: Obra adulta*. São Paulo: Unesp, 2014.

LOBATO, Monteiro. *A Barca de Gleyre*. São Paulo: Editora Brasiliense, p. 166, 1961.

_____. *Cartas Escolhidas*. São Paulo: Editora Brasiliense, p. 252, 1961.

_____. *América*. São Paulo: Brasiliense, 1962.

_____. *Mr. Slang e o Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1962.

_____. *Negrinha*. São Paulo: Globo, 2009.

MARQUES, Maria de Fátima da Costa. *Jeca Tatu: Recepção e representação literária da ideia de progresso*. Monografia. (Graduação em Letras Literaturas). Brasília: Universidade de Brasília, 2014.

MARTINS, Milena Ribeiro. Monteiro Lobato e os Estados Unidos: Espectador, leitor, tradutor. *Revista USP*, n. 112. São Paulo, p. 21-28, 2017.

MATOS, Odilon Nogueira de. A cidade de São Paulo no século XX. In: *Revista de História*. São Paulo, v. 10, n. 21-22, 1955.

MELLO, Maria Elizabeth Chaves de. *O Brasil do século XIX, no olhar de Charles Expilly* / [Texto e organização] Maria Elizabeth Chaves de Mello. - 1. ed. - Curitiba, PR: CRV, 2017.

MOTA, Danyllo Di Giorgio Martins da. A relação inseparável entre o regional e o nacional: Monteiro Lobato e a paulistanidade. *Revista Espaço Acadêmico*, n. 139. Goiás, p. 1-9, 2012.

_____. *Lições de crítica: (conceitos europeus, crítica literária e literatura crítica no Brasil do século XIX)*. Niterói: EDUFF, 1997.

PINTO, Marco Auréli Cabral. *Comentários finais*. In.: FIORI, José Luís. *O poder americano*. Petrópolis: Vozes, 2004.

RIVAS, Pierre. *Diálogos interculturais*. São Paulo: Editora Hucitec, 2005.

SELKE, Ricardo de Castilho. *Monteiro Lobato: Crítico social*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina, 2012.

ZWEIG, Stefan. *Brasil, país do futuro*. L&PM Editores, 2006.